

Estocasticidade do Inconsciente.

Regina C.C.P. Moran.

O seminário de Lacan, o livro 17, O Averso da Psicanálise, não cessou de reverberar numa silenciosa demanda de continuidade. Minha escuta, em consequência da minha dedicação nas muitas décadas ao campo da estatística e da matemática, a minha particular preferência pela análise multivariada e análise de correspondência, permitiu atender ao chamado de Lacan. Assim meu conhecimento de álgebra facilitou a expansão dos matemas dos discursos. A origem de tal demanda? Deste insistente: vamos lá!?

É nesse texto que Lacan¹ se pergunta e responde:

“Por que estamos pelejando com essa manipulação do significante e sua eventual articulação? Porque ela está nos dados da psicanálise.”

E ao final da formulação e articulações dos quatro discursos Lacan² complementa:

“Pois bem, esses pequenos termos mais ou menos alados, S_1 , S_2 , @, \$, digo-lhes que podem servir em um número muito grande de relações. É preciso simplesmente familiarizar-se com o seu manejo.”

O manejo dos discursos revelou-se muito rico e revolucionário!

I. Questionando o caráter estático do inconsciente.

II. Campo Lacaniano: aletosfera.

III. Seis possibilidades de estados do inconsciente.

IV. Algoritmos do processo de análise via discursos.

V. Estado do inconsciente: caso da histeria.

VI. Generalização do movimento discursivo do sujeito análise.

VII. Os novos cinco percursos do sujeito no desenrolar do processo

analítico mantém as propriedades da revolução dos quatro discursos de Lacan.

VIII. Estado do inconsciente e algoritmo analítico: caso do obsessivo.

IX. Estado do inconsciente e algoritmo analítico: caso do a -viciado

X. Estado do inconsciente e algoritmo analítico :caso do capitalista.

XI. Estado do inconsciente e algoritmo analítico: caso realização do imaginário

¹Lacan, J. *Seminário 17, O Averso da Psicanálise (1969-1970)*. Pg. 43 Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

²_____. *Seminário 17, O Averso da Psicanálise (1969-1970)*. Pg. 180 Rio de Janeiro: Zahar, 1992.



XII. Estado do inconsciente e algoritmo analítico: caso imaginarização do real

XIII. Para finalizar

I

Questionando o caráter estático do inconsciente

Esta semente de Lacan encontrou em mim terreno fértil, e me vi atormentada em dizer o que não parou de germinar desde então.

O singular em cada escuta, como analista, me levou a infirmar a estrutura do inconsciente como estática via discursos no processo de análise.

Ter como objetivo que o analisando histerize na sua fala, depende do sujeito, \$, tomar o lugar de agente, desafiando o enigma sob o véu do significante mestre, na produção de uma fala enquanto barrado da verdade de seu desejo. É fato que nem toda fala, nem toda queixa, nem toda demanda acontece nessa estrutura. E a regressão³ para levar ao discurso do mestre, sentido anti-horário de um giro -de- um -quarto de volta, depende de estarmos na estrutura do discurso da histérica.

Autorizar-se como analista a ocupar um lugar que convoque o sujeito a sair de sua preguiça, para o trabalho de sua emancipação, depende do reconhecimento do agente escravizador. Alforria de ser efeito do trabalho escravo do inconsciente, de estar barrado de sua produção, é meta em qualquer análise, não só da histérica.

Isso leva então a refletir sobre o significante, ou a falta dele, na função de representar o sujeito, esse sujeito inadvertido, na sua relação pulsional ao objeto, esse lugar de preguiça e verdade, lugar de efeito no inconsciente, do jogo da ocupação dos lugares do discurso.

II

Campo Lacaniano: aletosfera.

Do neologismo lacaniano aletosfera, aqui tomado como significante da esfera da verdade do sujeito, esse sobre determinado pela dinâmica linguageira do inconsciente, de @língua, deriva uma série de questões.

Quais as ocupações do lugar de agente, que ao se articularem na estruturação psíquica, detenham o sujeito como efeito no lugar da verdade? E nessas diferentes articulações como pode variar o lugar do trabalho, do outro que esse agente fissa para escravizar? Que tipo de trabalho esse arranjo produz em lugar do mais -de-gozar?

Como levar em conta o dinamismo entre as relações do imaginário, do simbólico e do real, na redução discursiva correspondente, articulação nos lugares dos elementos S_1 , S_2 , e @ mantendo o sujeito, \$, como efeito, no lugar da verdade? Esse lugar que o sujeito ocupa na sua ignorância do saber que não se sabe? E ocupa com a inércia da preguiça?

O trabalho de Lacan no seminário dos discursos explorou o inconsciente da histérica, sua fala, o lugar do acolhimento e do recolhimento do analista, o a posteriori do ato analítico. Lacan desenvolveu assim o algoritmo de um dos possíveis processos analíticos. O algoritmo do

³ Lacan, J. (1970) Radiofonia. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.



significante aplicado ao algoritmo da sessão analítica: as sequências da operação de giros -de -quarto-de-volta nos discursos visando ao ato analítico e seu a posteriori.

No processo analítico no avesso da tecitura significativa, o analista como agente ocupa o lugar se lhe impõe: se ocorre a contingência da verdade como desvelada (não toda), e se o agente do gozo é desmascarado, o sujeito vai desse ex-timo para produto de um sujeito modificado (terceiro giro). Esse saber sobre a verdade corresponde às perdas (atos bem-sucedidos de castração) cuja repetição permite mais aproximação ao desejo, processo de separação da parte alienada ao Outro.

Na experiência da clínica a fuga do quadro de histeria levanta a questão: como se organizam os discursos nos casos, nas contingências, que não resultam na sintomatologia da histeria? Se o inconsciente pode apresentar outro jogo discursivo, ou mudar de um jogo para outro, a sobredeterminação inconsciente jogará com as novas cartas. Novos arranjos de quatro discursos a partir de uma estruturação diferente do inconsciente, permitem operar como os discursos sem palavras, esclarecendo as ocupações distintas dos lugares, de forma a orientar uma escuta da fala do analisando, uma intervenção, um processo de análise que leve em conta alterações significativas do lugar que o analista ocupa como agente. Descobre o diferencial na operação de regressão da fala para o inconsciente, qual é o produto que o ato analítico visa produzir? Pode então não ser um significante mestre, não se tratar de uma operação de desidentificação?

Quais novas ocupações do lugar de analista são produzidas em correspondência ao avesso do discurso do inconsciente, para que a convocação do sujeito como dividido produza efeito de verdade? O estado inicial do inconsciente implica diferenciações do algoritmo da análise.

III

Seis possibilidades de estados do inconsciente.

O campo Lacaniano, a aletosfera, é o campo onde habita em permanente movimento o sujeito falante. Na sua divisão subjetiva esse sujeito dividido, \$, busca o código para enviar mensagens como sujeito da razão, no seu exercício de cogitans, e paralelamente no cogito de sua duplicidade languageira.

Caminhos paralelos de demanda e de desejo, no inconsciente mensagens respondendo sua demanda ao tesouro dos significantes, na constante busca do significante que falta ao Outro. Resposta à qual não escuta, protegido pelo seu lugar de nada saber, que tampona na relação fantasmática com o objeto enquanto perdido, podendo ser desejado, ou não.

Esse movimento do significante não cessa, e, como efeito do significante, o sujeito emudece sob a articulação do agente provocador do trabalho incessante para produção do inconsciente da qual o sujeito está alienado. É a partir do avesso dessa produção que o analista tomando seu lugar pode convocar a separação. Note que separação na dialética do significante proposta por Lacan trata de interseção.



A aletosfera, vai nesse texto ser lida como a esfera dos discursos, superfície onde se movimentam os habitantes: verdade e mentira singulares a cada sujeito, seguindo os sulcos marcados pela revolução dos discursos, discursos sem palavras nas longitudes dessa esfera.

A singularidade acontece pois não há duas histórias iguais, não há dois destinos iguais: a singularidade do imaginário, do simbólico e do real em cada sujeito, é o que permite diferentes estruturas nosológicas no mesmo discurso.

Trata-se de uma representação exhaustiva dos discursos, sem palavras, ou seja, apenas das diferentes estruturas, essas que abrigam a sobredeterminação significativa do sujeito, respeitando a exigência deste ocupar o lugar da preguiça, \$, e como efeito da articulação entre agente, o outro e o produto.

Para cada estrutura de inconsciente, os componentes trazem consigo a singularidade, singularidade radical do sujeito na sua relação com o código bem como na constituição de seu tesouro dos significantes, na duplicidade de sua demanda e de seu desejo, ou na multiplicidade, muito além das ambiguidades e homofonias que podem ser encontradas em qualquer discurso.

Os discursos fundamentais na sobredeterminação do sujeito, estes que tem o sujeito como efeito, serão localizados no polo norte da aletosfera. As diferentes tomadas dos lugares pelos elementos do discurso, resultam em **seis diferentes estruturas**, e em cada uma, o sujeito como barrado ocupa o lugar da verdade, ou preguiça, do discurso, correspondendo, portanto, em cada caso, à estrutura do inconsciente: sou e não penso.

Diferentes estruturas do inconsciente

$$\begin{array}{ccc}
 \frac{S_1}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_2}{a} & \frac{S_2}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_1}{a} & \frac{a}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_2}{S_1} \\
 M & M_{\text{obs}} & M_{a-v} \\
 \\
 \frac{S_2}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{a}{S_1} & \frac{a}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_1}{S_2} & \frac{S_1}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{a}{S_2} \\
 M_{\text{cap}} & M_{\text{JA}} & M_{\text{ir}}
 \end{array}$$

As notações acima correspondem às distintas particularidades do discurso do inconsciente:

- M: nomeia a estrutura do discurso do inconsciente da histérica.



- M_{obs} : nomeia a estrutura do discurso do inconsciente do obsessivo.
- M_{a-v} nomeia a estrutura do discurso do inconsciente do @-viciado.
- M_{cap} : nomeia a estrutura do discurso do inconsciente do capitalista.
- M_{JA} : nomeia a estrutura do discurso do inconsciente da sobre determinação na realização do imaginário.
- M_{ir} : nomeia a estrutura do discurso do inconsciente da imaginarização do real.

Esta é uma leitura estocástica do inconsciente consequência da contingência dos encontros, tiquê e automaton, nas implicadas articulações, nas mudanças de estado, de estrutura discursiva no que tange à irrupção sincrônica. O movimento da diacronia do sujeito, em duplicidade com a sincronia em função do que do presente faz emergir uma particularidade estrutural do simbólico, imaginário e real, para expressar algo singular do sujeito.

IV

Algoritmo do processo de análise via discursos.

Estado do inconsciente: caso da histeria

Passamos a reproduzir os quatro discursos propostos por Lacan⁴, no movimento analítico no caso do estado do inconsciente ser dado pelo discurso do mestre. Essa contingência que resulta no discurso da fala do analisando ser da estrutura da histérica, o que coloca o analista no discurso de analista, e o efeito do ato analítico no discurso do universitário.

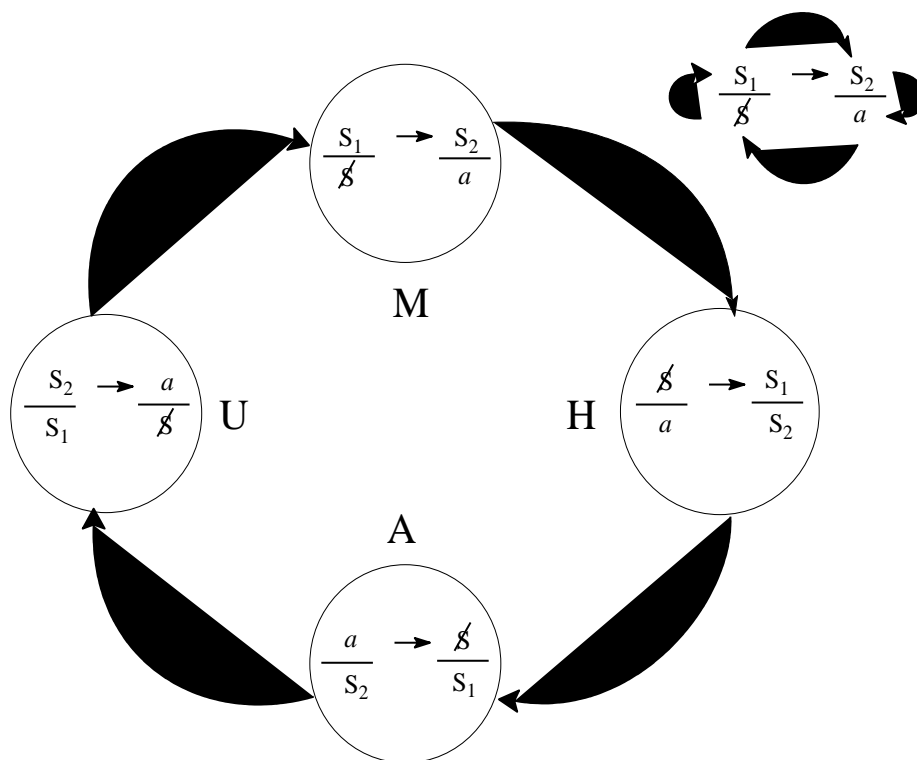
Os quatro elementos do grupo de discursos que descreve o processo da análise no caso histérica, ou a revolução dos quatro discursos, descrevem o algoritmo da análise nesse conjunto de quatro discursos fechado para a operação de giro- de- quarto -de -volta. Como ilustra a revolução abaixo para o caso da histérica.

Movimentação do sujeito histórico no algoritmo discursivo da análise.

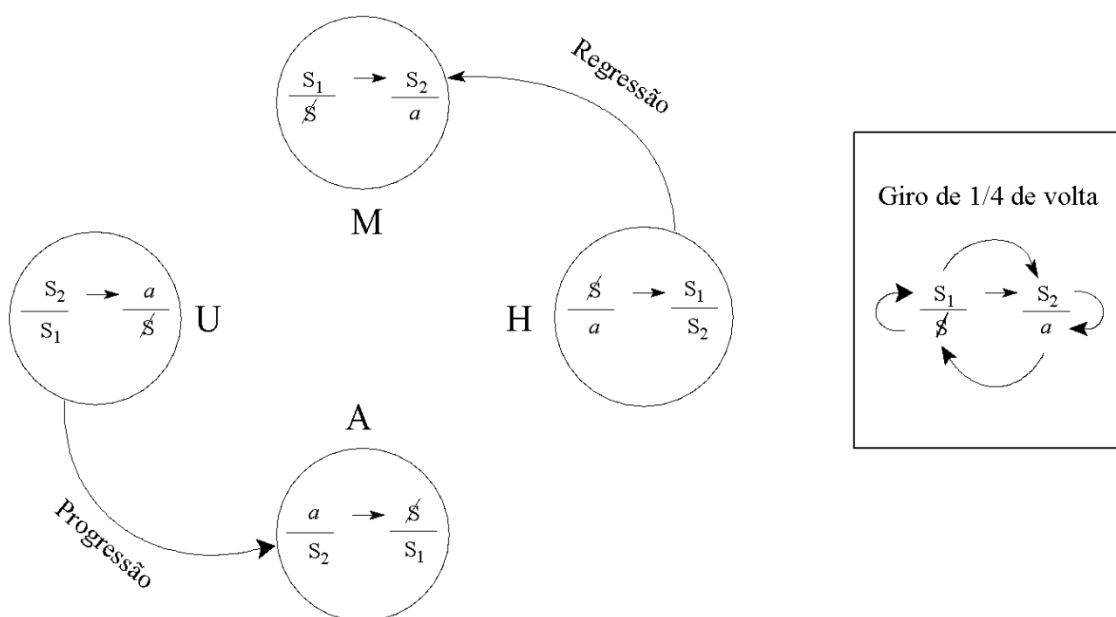
Os quatro discursos de Lacan, no arranjo rotacional, resultante da operação, por ele definida, de um giro-de -um -quarto -de -volta. As notações M, H, A e U, referem-se respectivamente aos discursos do Mestre (do inconsciente), da Histérica (do analisando), A do analista e U do universitário (do efeito do ato analítico).

⁴ LACAN, J.A.(2001). *Outros Escritos*, Radiofonia, Pg. 446 Rio de Janeiro: Zahar, 2003





Ainda sobre os quatro discursos estruturados em matemas, discursos sem palavras, nos quais Lacan descreve a ocupação dos elementos da estrutura psíquica no processo psicanalítico: a regressão a partir da fala, em direção ao mestre M, em busca do agente, do significante mestre na condição de alienação da dialética significativa, para operar através do ato analítico, no discurso do analista, a separação.



V

Generalização do movimento discursivo do sujeito em análise.

O sujeito como dividido, \$, na duplicidade da sua linguagem, nas estruturas do discurso do inconsciente é efeito de uma articulação entre significantes e seu objeto.

O percurso do sujeito, na costura entre os discursos, é sempre o mesmo: do lugar da preguiça bem como da verdade (ali onde é e não pensa), desliza na fala para lugar de agente (do dito), em seguida para o lugar do outro (lugar onde trabalha o saber que não se sabe), convocado pelo analista, e finalmente como produto do ato analítico, no lugar do produto desse saber.

Estes caminhos, a partir da sobredeterminação significativa do sujeito, são invariantes no percurso, das seis revoluções, dos seis algoritmos do processo analítico, que propomos nesse trabalho, nas seis longitudes. Esta denominação deriva da visão da aletosfera, e cada revolução de cada estado do inconsciente como um meridiano vertical.

O caminho do sujeito a partir de suas possíveis sobredeterminações, como articulada em cada estado do inconsciente é o mesmo : começa a análise como não querendo saber nada desse saber que não se sabe, no lugar da preguiça, todo trabalho do inconsciente executado no lugar do outro (esse outro ex-tímo de si mesmo), trabalho esse que o detém como mero efeito , separado do mais-de-gozar enigmático das manifestações do inconsciente e das irrupções da sincronia discursiva.

Quando o analisando fala, é sempre do lugar de agente que o sujeito se coloca, em um compromisso com sua verdade, ditado pelo estado do inconsciente.

O sujeito está convocado a trabalhar, pelo analista, de forma a depor o agente de suas manifestações inconscientes.

Finalmente no giro para o discurso universitário, o sujeito toma o lugar da produção, sempre relativa ao trio verdade-saber-real, no pós ato analítico.

Portanto, a costura do sujeito em análise por cada iteração do processo analítico, ao longo de quatro discursos, passa por: efeito, agente, outro e produção.

Movimento do sujeito histórico: ocupa o lugar da preguiça, em M; passa a ocupar o lugar de agente em H; convocado pelo analista na sua divisão subjetiva, em A, passa a ocupar o lugar do trabalho; o efeito desse trabalho leva o analisando em U, para um lugar novo, o lugar da produção.

Será observável que o movimento do sujeito em análise é o mesmo para as seis estruturas do inconsciente. Para os outros elementos o percurso, na atividade discursiva em análise, o percurso é diferente para cada caso da estruturação discursiva do inconsciente.

VI

Movimento dos componentes discursivos: caso histórica.

O percurso dos elementos significantes e do objeto @, dependem do estado do discurso do inconsciente, diferentemente do \$, que caminha na mesma ordenação dos mesmos lugares para qualquer estrutura inconsciente.

O significante mestre, o tesouro dos significantes, e o objeto @, ocupam lugares distintos conforme cada discurso que fundamenta a dinâmica do inconsciente nas distintas articulações (ocupação nos distintos lugares), na estrutura histórica, os seguintes caminhos que podem levar ao ato analítico, são os observáveis no processo de análise.

Movimento de S₁: ocupa em M o lugar do agente; na fala do analisando em H, a histerização, S₁, está em lugar de ser questionado pois de agente passa ao lugar do trabalho em H; resultado do ato analítico, S₁ vem a ocupar o lugar da produção, enigma do agente desvendado; desse lugar em H, S₁ passa a ocupar o lugar da verdade em U. Circuito que decifra o enigmático S₁. A leitura do discurso universitário como efeito do ato analítico, como fechamento do



inconsciente, apreende o agente do inconsciente no lugar da verdade, já representada por um saber do real, este trio : verdade-saber-real trabalhado para produção do sujeito, menos alienado, a cada passo de separação na dialética do significante.

Movimento de S₂: ocupa o lugar do outro em M, o trabalho é de S₂, aí se formam todas as manifestações do inconsciente, o sujeito efeito no inconsciente, desconhece sua autoria em @língua, lugar da mensagem cifrada; na fala do analisando essa mensagem passa a se servir do código como S₂ no lugar da produção no discurso H; o analista em A, recolhe com sua escuta o que pode trazer dessa fala para o lugar da verdade, S₂ como verdade singular daquele sujeito, o saber que ele revela sem que dele nada queira saber, o analista suplementa e, ou, convocando o sujeito, desvela a causa de sua ignorância, e, no só depois esse saber pode tomar o lugar de agente na experiência do discurso U (fechamento do inconsciente).

Movimento de @: o lugar de @ no lugar da produção, em M, trata de um gozo pela agência de S₁, que convoca em S₂ o trabalho de @língua, e portanto um gozo alheio ao sujeito (mais de gozar); @ passa para o lugar da verdade na fala do analisando, em H, pois o desejo inconsciente é a verdade barrada desse gozo; é desse vazio, dessa falta, @, que o analista em A, pode com essa especificidade do desejo de analista, convocar o sujeito à experiência de sua singular divisão; é assim que o @ pode tomar o lugar do outro, do real no gozo da decifração, para que do discurso U o sujeito possa retornar a seu lugar. Retorna ao lugar da preguiça em M.

VII

Os novos cinco percursos do sujeito no desenrolar do processo analítico mantém as propriedades da revolução dos quatro discursos de Lacan

Justifica-se o uso do substantivo **algoritmo do processo de análise** pois a almejada travessia do fantasma requer como descrito no seminário de Um Outro ao outro⁵, a sequência das sessões convergentes, de forma a chegar ao limite, depondo do lugar de agente no inconsciente o déspota, qualquer que seja ele no sistema da articulação daquela estrutura discursiva.

Isso ao longo das iterações na duração da análise.

O terreno já está pronto para receber novos sulcos, para descrever nas variadas estruturas do inconsciente, o que a operação lacaniana produz como referência do algoritmo da análise. Estas estruturas tratadas como diagnósticos, vão estar presentes nesses casos, o grande interesse é ignorar esses estereótipos e trabalhar nos outros cinco protótipos.

Por questão de reconhecimento de discursos já difundidos a nomeação dos protótipos foi predeterminada, seis revoluções em análise decorrente de diferentes funcionamentos do inconsciente nas articulações entre os elementos imaginário, simbólico e real.

A estocasticidade do estado discursivo do inconsciente é claramente a partir da clínica, efeitos que permitem particular matematização, e funda a estrutura de manifestação da singularidade do sujeito, quando seu estado subjetivo experimenta mudança, estranheza, inibição, sintomas ou angústia. O outro, o Outro, o objeto@, impactam a singularidade de cada ser, cujo resultado pode ser traduzido, na invasão sincrônica, pelo estado do discurso do inconsciente. A cada mal encontro, resultado da imprevisibilidade da repetição, os lugares discursivos na

⁵Lacan, J. *D'um Autre à autre*, Seuil, 2006.



sobredeterminação sincrônica gerada pelo paradoxo da causa desconhecida nessa insistência no re-encontro do automatismo da repetição.

Os novos cinco percursos do sujeito no desenrolar do processo analítico mantém as propriedades da revolução dos quatro discursos de Lacan.

Axioma 1: O discurso que estrutura o inconsciente é qualquer discurso que traga como efeito o sujeito:

$$\begin{array}{ccc}
 \frac{S_1}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_2}{a} & \frac{S_2}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_1}{a} & \frac{a}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_2}{S_1} \\
 M & M_{\text{obs}} & M_{a-v} \\
 \\
 \frac{S_2}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{a}{S_1} & \frac{a}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{S_1}{S_2} & \frac{S_1}{\cancel{\$}} \rightarrow \frac{a}{S_2} \\
 M_{\text{cap}} & M_{JA} & M_{ir}
 \end{array}$$

Propriedade 1.: A impossibilidade entre o agente e o trabalho é característica dos discursos do inconsciente e do analista.

Propriedade 2.: A impotência entre a produção e a verdade é característica da estrutura discursiva da fala do analisando e do efeito a posteriori do ato analítico.

Consequência: o lugar da analista no discurso de analista mantém o lugar de agente, sua função, no entanto, varia conforme a estrutura do inconsciente, é do lugar de agente, nos avessos do discurso do inconsciente: transformação da produção do inconsciente, por exemplo no discurso da histórica o mais de gozar da produção inconsciente é tomado pelo avesso como desejo de analista. Desse lugar o analista visa que o sujeito por ele convocado, na sua divisão subjetiva, desvele o agente do inconsciente. Para isso ocupa seu lugar como uma transformação do mais-de-gozar no que este porte do desvelamento da verdade como barrada ao sujeito.

Os possíveis discursos diferem muito entre si, pela diferença na ocupação dos lugares dos elementos intervenientes na duplicidade, para além da ambiguidade, do sujeito falante.

Essas novas estruturas discursivas decorrem da germinação do trabalho de Harari⁶, cuja leitura ampliou a possibilidade de “OUTRO LUGAR DO ANALISTA”. Esse livro quebrou o paradigma que me limitava aos quatro discursos de Lacan e o absolutismo do lugar incondicionado do analista como causa de desejo.

⁶ Harari, R. *o que acontece no ato analítico?* Pg.144 Companhia de Freud, Rio de Janeiro, 2001 .



Além desse trabalho foi de fundamental importância a leitura de Schejtman⁷, que finalmente me revelou, através dos nós e tranças, a pouca utilidade dos antigos diagnósticos estáticos, dando dinâmica ao inconsciente, e assim me motivei a dar minha versão estocástica de seu trabalho em discursos. A correspondência não é meu objetivo, a manutenção da nomeação tem o motivo de fazer jus a gênese e genialidade desse trabalho.

Além dos quatro discursos na análise, outros **18 novos discursos**, que vão revolucionar a partir de **24**, descontando na contagem uma releitura dos já conhecidos discursos: os 4 de Lacan, @-viciado e do capitalista. Toda possibilidade erudita, não diretamente expressando o inconsciente em análise: filosófica, sociológica, linguística, de forma suplementar ou complementar, do processo analítico, foi deixada por falta de verve.

Delineiam-se cinco novas posições do analista, em conformidade com a operação lacaniana de um quarto de giro, para as cinco articulações do inconsciente.

Para nominação dos novos sulcos da aletosfera temos as seguintes possibilidades de revoluções discursivas no processo da sessão analítica:

Outros estados do inconsciente e percursos analíticos.

Revolução do obsessivo (uma nova estruturação do inconsciente) baseada⁸ na escrita em matema do fato que o recalque do obsessivo se dá no simbólico e por isso reaparece no simbólico.

Revolução do @-viciado⁹ (angustia- letra realização do simbólico) orienta a partir da posição do inconsciente do viciado uma melhor escuta de sua fala e posicionamento do analista, que via ato analítico convoca o sujeito a uma perda relativa a este objeto, para que no

a posteriori do ato, ocupe o lugar da verdade, agora com um saber sobre ela.

Vamos fazer ainda mais três revoluções para balizar nova estrutura na escuta e no lugar do analista: do capitalista¹⁰ (sintoma-letra)¹¹, angustia-corpo (realização do imaginário, terror JA, discurso da fenda); inibição que afeta o real (imaginarização do real), cujo detalhamento deixamos para a apresentação do algoritmo da análise em cada caso.

VIII.

⁷ Schejtman, F. (2013) Ensaio de Clínica Psicoanalítica Nodal, 1ª Ed. 1ª reimp.-Olivos: Grama Ediciones, 2015.

⁸ Melman, Charles. (1987/1989) *A neurose obsessiva no divã de Lacan*. Imago: Tempo Freudiano, Rio de Janeiro, 2011.

⁹ Aurélio

¹⁰ Lacan, J (1972) Del discurso psicoanalítico, 12-5-72. *Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan*, Milán La Salamandra, 1978.

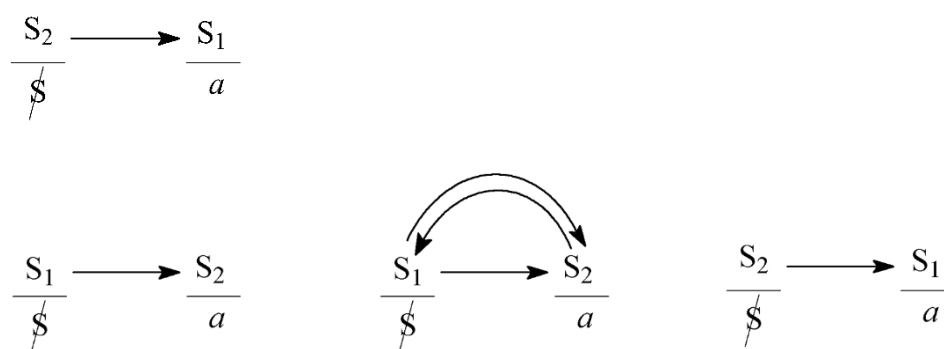
¹¹ Schejtman, F. (2013) Ensaio de Clínica Psicoanalítica Nodal, 1ª Ed. 1ª reimp.-Olivos: Grama Ediciones, 2015.



Estado do inconsciente e algoritmo analítico : obsessivo

A revolução correspondente ao sulco da aletosfera, quando no polo do inconsciente o discurso está estruturado como do obsessivo.

O discurso abaixo descreve uma posição do inconsciente, o “sinthome”, sinthome - metáfora¹², o impossível no discurso do inconsciente do obsessivo mostra uma inversão com relação ao histérico, sendo que o movimento do trabalho inconsciente tem por agente o simbólico na passagem para o trabalho imaginário do sem sentido.



O matema acima, descreve a ação do recalque no simbólico: no funcionamento do trabalho do inconsciente o movimento do imaginário do sujeito, produz o gozo do sem sentido: pensamentos repetitivos, rituais religiosos, de limpeza, mandatos cujo descumprimento resulta em perigo para o outro, o tormento que experiencia o obsessivo.

A esta estrutura do discurso do inconsciente corresponde uma revolução, pela operação lacaniana de um quarto de giro, que altera a dinâmica possível na análise. É ineficaz que o analista proceda como no discurso da histérica.

O algoritmo da revolução na análise do obsessivo, sua possibilidade de transformação a partir da estrutura do seu inconsciente, como estruturado abaixo, vamos tratar a seguir:

$$\frac{S_2}{\$/} \longrightarrow \frac{S_1}{a}$$

M_{obs}

Da diferença no discurso correlato ao discurso do mestre, agora o mestre do obsessivo, leva o analista, no discurso do analista do obsessivo, a ocupar no lugar de agente, o avesso do M_{obs}, convocando a partir do trabalho do imaginário, S₁, o sujeito para o trabalho de deposição do agente S₂, produtor da alienação ao desejo do Outro, produção de gozo alienado.

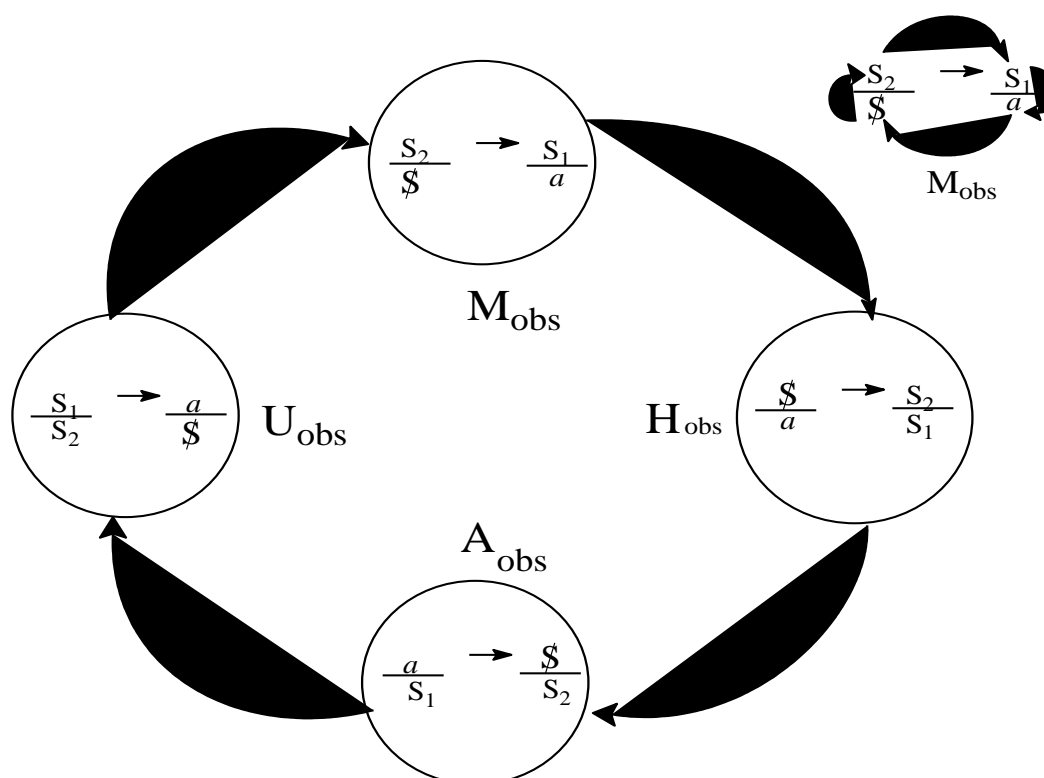
¹² idem



Como na histérica o sujeito toma o lugar de agente, também barrado de seu desejo, mas no lugar do trabalho suas demandas trazem não dúvidas, desafios enigmáticos, questões da estrutura histérica. Diferentemente o obsessivo traz certezas, ações, pensamentos sem sentido, pensamentos invasivos, a tendência ao impossível de ocupar o lugar do outro, e o defender do feroz Outro. A produção de sua fala é o enigma sobre a causalidade desse automatismo. A falta de castração do desejo do Outro, e os sintomas decorrentes de seu assujeitamento, e a dor de se fazer responsável.

O analista então recolhe como verdade do sujeito esse enigma causal, e do lugar de analista, do gozo dessa ocupação imaginária do sujeito, o interroga para que destitua o agente simbólico, esta parcela não castrada do Outro, ali onde existe Outro do Outro (que existe na psicose)¹³, para que passe a não existir.

O ato analítico tem como resultado, que o reconhecimento de S_1 , do outro imaginário, barrar a agência do simbólico recalcado, e na castração do correspondente gozo, devolve como produção o sujeito, que passo a passo, na relação com as perdas, modifica, transforma sua posição desejante.



Na longitude acima: revolução no sulco da aletosfera lacaniana do obsessivo, observe abaixo a mudança dos lugares.

Movimento de S₂: do lugar de agente, em M_{obs}, no discurso do inconsciente, passa para o lugar do trabalho na fala do analisando, **H_{obs}**, trabalho de análise visando, levar o S₂, para o lugar

¹³ Lacan, seminário da ética.



da produção no discurso do analista, **A_{obs}**, para finalmente em **U_{obs}**, ocupar o lugar da verdade, barrada da função de agente no a posteriori do ato analítico.

Movimento de S₁: ocupa o lugar do trabalho no discurso **M_{obs}**, do inconsciente no estado obsessivo, passa para o lugar da produção na fala, **H_{obs}**, do analisando, que o analista em **A_{obs}**, recolhe no lugar da verdade daquele sujeito, verdade desse lugar imaginário em para que no a posteriori do ato analítico, em **U_{obs}**, possa ser o agente da perda, que produz no sujeito um efeito de castração.

Movimento de @: no discurso do inconsciente do obsessivo @, **M_{obs}**, ocupa o lugar de mais- de- gozar, passa ao lugar da verdade em **H_{obs}**, como desejo barrado do sujeito, para o lugar que vai ocupar como agente no discurso do analista, **A_{obs}**, agente a convocar o sujeito como barrado, para o lugar do trabalho, e finalmente no a posteriori do ato analítico, @ ocupa o lugar do outro, radicalmente outro, em **U_{obs}**, como a perda correspondente à castração.

IX.

Estado do inconsciente e algoritmo analítico: *a*-viciado

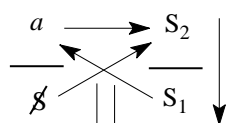
Estado do inconsciente: *a*-viciado

A revolução correspondente ao sulco da aletosfera, quando no polo do inconsciente o discurso está estruturado pela ocupação dos lugares como segue:

$$\frac{a}{\text{S}} \xrightarrow{\quad} \frac{S_2}{S_1}$$

M_{a-v}

Trata-se da mesma ocupação de lugares como no discurso do *a*-viciado¹⁴

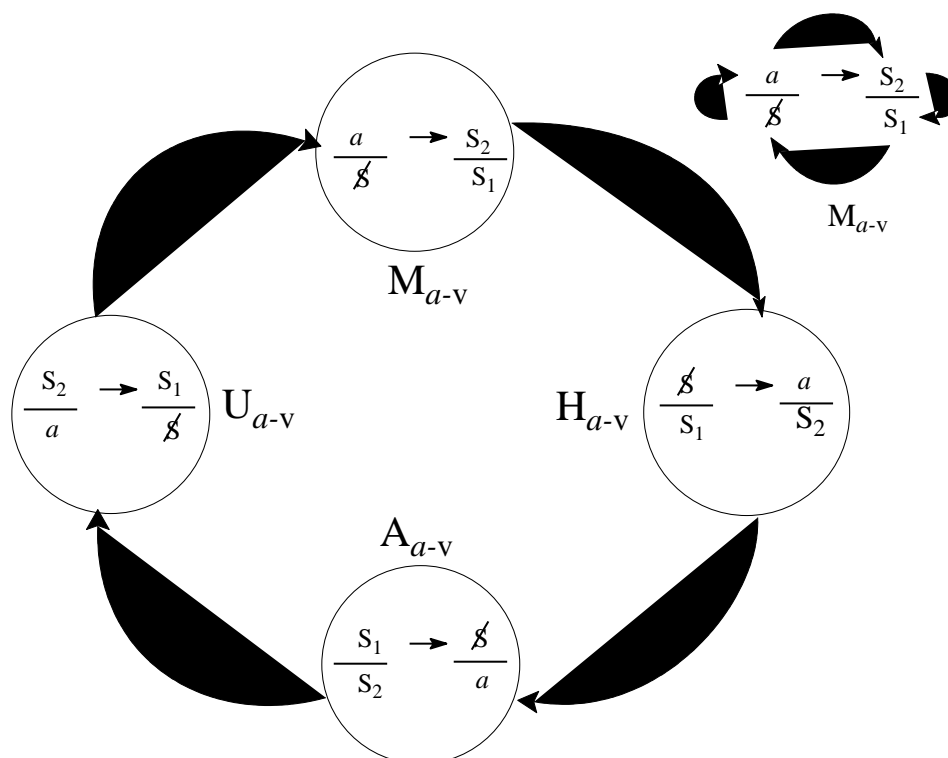


Na dinâmica da análise do @-viciado, descrita abaixo, no polo norte, a estruturação do inconsciente que na qual o sujeito *a*-viciado aparece como efeito, tomei uma versão de mesmas ocupações tratada por Aurélio Souza, como correlata à posição do discurso do mestre, **M_{a-v}**. A aplicação da operação definida por Lacan, nos seus quatro discursos, o giro de um quarto de volta, aqui no sentido horário, permite orientação do discurso na dinâmica da análise demandada por essa queixa de vício em algum dos objetos @. Pela aplicação da operação lacaniana chegamos a mais três discursos, cuja revolução oferece e baliza para o analista seu lugar na escuta e ato analítico levando no a posteriori uma iteração no algoritmo da cura. Exemplos como a droga

¹⁴ Souza, Aurélio. *Os discursos na psicanálise*, companhia de Freud, rio de Janeiro (2003). Pg. 150.

adição, criminalizada ou não, como agente algum objeto oral, o onanismo no objeto genital, vício das telas: a pornografia no olhar, no celular olhar e voz, os aplicativos...

Abaixo o algoritmo do processo analítico no caso do *a*-viciado.



Movimento de @: em M_{a-v} ocupa o lugar de agente, trazendo a marca do irresistível objeto de mais-de-gozar, desse lugar por um giro de um quarto de volta, em H_{a-v} , na fala do analisando, ocupa o lugar do outro, do trabalho, uma leitura desse @ aparece na fala como uma identificação objetual de complementaridade (não consigo viver sem isso!), essa complementariedade questionada a partir de sua divisão subjetiva ;pode permitir no ato analítico em A_{a-v} , a passagem desse objeto para a produção(queda do objeto), e dessa posição para a verdade libertadora, em U_{a-v} , da escolha e dependência desse objeto.

Movimento de S_2 : ocupa o lugar do trabalho no discurso M_{a-v} , a bateria de significantes que se articulam para manter a alienação à agência do objeto, no discurso H_{a-v} , no lugar da produção, S_2 , funciona na produção dos álibis que fazem parte da justificativa, essa justificativa o analista deve receber no lugar da verdade, em A_{a-v} ; na desconstrução desse álibi, para que desmascarado, S_2 possa passar ao lugar de agente no discurso U_{a-v} , agente que desfalca a bateria significativa do álibi.



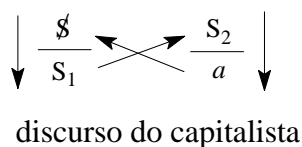
Movimento de S₁: no discurso M_{a-v} ocupa o lugar da produção, o significante representante do sujeito é produzido pela nomeação de viciado, alienação à objeto que lhe atribui neologismo de seu nome próprio, na fala do analisante esse significante, em seu discurso sem palavras, H_{a-v} , ocupa o lugar da verdade barrada ao sujeito, o engodo identificatório em cuja armadilha caiu, a ponto de não se reconhecer fora dela, essa verdade acolhida pelo analista que toma seu lugar em A_{a-v} , é o que pode convocar o sujeito, para que no discurso seguinte U_{a-v} , possa descer ao status de um outro, não seu neologismo de nome próprio, não seu ex-timo, mas para o engodo dessa falsa representação. Nesse a posteriori a produção do sujeito experimenta novo estado na divisão subjetiva: penso e não sou, uma perda pela castração nessa identificação nefasta.

X

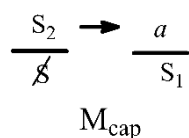
Estado do inconsciente e algoritmo analítico: capitalista.

Estado do inconsciente: capitalista.

A partir do Discurso do Capitalista¹⁵: modificação que ocupa o Leste, no giro-de-um quarto de volta, uma ocupação igual dos lugares do discurso do capitalista descreve a estrutura da fala.



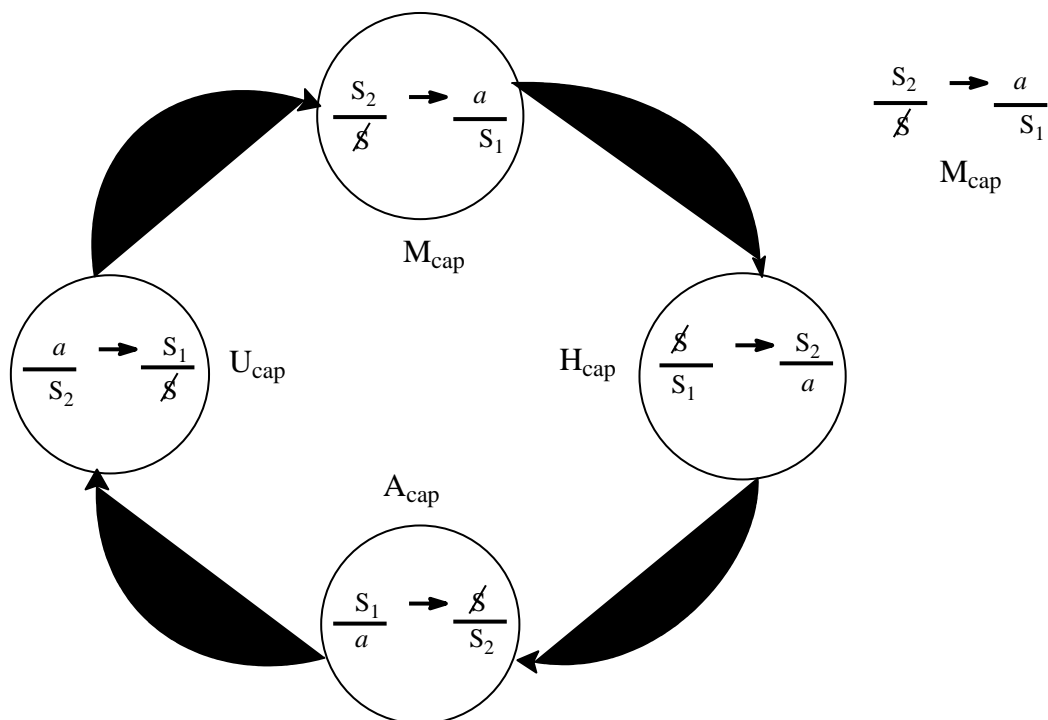
O discurso do inconsciente que opera de forma sincrônica na fala do capitalista, segue abaixo, e a partir dele nova ocupação no discurso do analista.



Segue o algoritmo da análise do capitalista

¹⁵ Lacan, J (1972) Del discurso psicoanalítico, 12-5-72. *Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan*, Milán La Salamandra, 1978.





Em relação ao discurso do mestre, o discurso do inconsciente do capitalista, M_{cap} , sofreu dupla torção para que o sujeito, como efeito, ocupe o lugar da preguiça. Essa estrutura corta a dialética do significante, entrepondo a identificação pela posse de objetos no lugar do trabalho, cujo resultado é a produção de um neologismo do nome próprio (rico, empresário, milionário, bom emprego, produtivo, eficiente, provedor, admirado, poderoso etc...). Deslocamento do falus imaginário que não negativa: trata-se de ter!

No discurso do inconsciente os objetos fazem suplência da falta de representantes genuínos nas identificações imaginárias, do enxame de significantes mestre.

O movimento dos elementos discursivos operando o algoritmo da análise do capitalista.

Movimento de S_2 : como agente no M_{cap} , na função do discurso que valida o capitalismo, há uma imiscuição do agente, S_2 , no real. Na fala do analisando capitalista, H_{cap} , S_2 ocupa o lugar do trabalho, na fala da demanda de mais, ou do lamento de alguma perda. É em A_{cap} que vai ocupar o lugar da produção, produção que desautoriza esse discurso da agência escravizadora do consumo. Em U_{cap} ocupa o lugar da verdade, posterior e efeito do ato analítico.

Movimento de @: em M_{cap} ocupa o lugar do outro, o lugar do trabalho, que do real destaca objetos. Deslocamentos destes objetos, levam @ na fala do analisando, H_{cap} , para o lugar da produção, sempre insatisfatória na caução da segurança. Em A_{cap} , @ no lugar da verdade: essa



ilusão da completude, pode esvaziar esse objeto. No discurso do fechamento do inconsciente, U_{cap} , o real agora pode tomar o lugar de agente, constituindo a subjetivação na falta.

Movimento de S_1 : no discurso do inconsciente, M_{cap} , S_1 ocupa o lugar da produção, produto de como o simbólico opera no real produzir um representante do sujeito, no movimento seguinte, essa nomeação toma o lugar da verdade no discurso da fala do analisando, H_{cap} , essa verdade de puro engano, é do lugar de agente, agora já no avesso do inconsciente, em A_{cap} , ocupa o lugar de agente no discurso do analista, para ser rebaixada no discurso U_{cap} , ao lugar do outro, radicalmente outro.

A cada iteração do algoritmo o poder do discurso capitalista, revelada sua verdade, no que tocou o singular do sujeito, pode pela agência da perda de objetos e renúncia ao neologismos de seu nome próprio retornar ao fim de cada ciclo, para efeito de um discurso menos feroz, menos selvagem.

XI

Estado do inconsciente e algoritmo analítico:

realização do imaginário

Estado do inconsciente: realização do imaginário

Angústia -Corpo: realização do imaginário, terror: JA(gozo do Outro)¹⁶

Para ser observado a partir do discurso do mestre correspondente à estrutura mais domesticada do inconsciente. A estrutura do discurso do inconsciente da qual o sujeito é efeito, na revolução abaixo, sofreu nesse caso uma dupla transformação:

$$\frac{a}{\cancel{S}} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

M_{JA}

a partir da estrutura do discurso do inconsciente da histórica, essa estrutura favorece a contingência do gozo do Outro.

Troca na diagonal principal e uma inversão na razão do outro. Nomeamos, pela correlação como, angústia-corpo¹⁷, realização do imaginário, terror, JA.

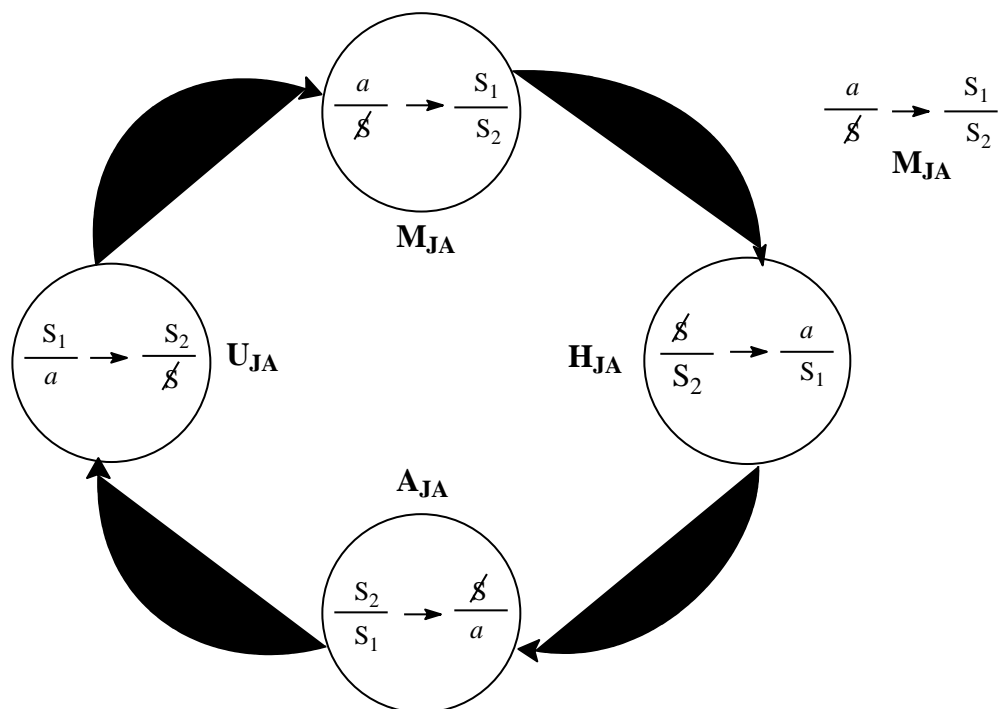
Movimento de @: o objeto @ que na revolução da histórica, passa do mais-de-gozar no avesso à causa de desejo. Nessa versão do discurso do inconsciente, M_{JA} , o lugar de @ é o de agente. Na fala do analisando H_{JA} o trabalho é de sua relação com @, este parceiro indesejável, e por causa, lugar da produção no discurso, A_{JA} , virando do avesso esse agente no processo de análise. Uma aplicação bem-sucedida, para orientar o lugar do analista, experienciamos no caso

¹⁶Schejtman, F. (2013) Ensaio de Clínica Psicoanalítica Nodal, 1ª Ed. 1ª reimp.-Olivos: Grama Ediciones, 2015.

¹⁷ Ensaio de Clínica Psicoanalítica Nodal, 1ª Ed. 1ª reimp.-Olivos: Grama Ediciones, 2015.

do anoréxico. O objeto nesse caso, comida e ou bebida, como agente, e que no trabalho do imaginário(corpo), produz o terror no gozo do Outro.

Observe que na estrutura do inconsciente abaixo, foram necessárias duas movimentações o lugar da produção, do produto, do mais- de- gozar da histérica, passa ao lugar de agente. Mais ainda, além dessa troca na diagonal do discurso do mestre na histérica, o trabalho passa de a ser do imaginário em lugar antes ocupado pelo simbólico, esse último deslocado para o produto, nesse caso o gozo do Outro. O sujeito como efeito deste novo arranjo, permanece inadvertido na ignorância.



Na fala do sujeito, H_{JA} , barrado quanto à verdade enigmática desse gozo do Outro, S_2 , verdade correspondente à alienação na dialética do significante, ao desejo do Outro. O objeto adotado por essa alienação precisa ser interrogado, do lugar do trabalho, de questionamento, que coloca objeto, @, produzindo a forma imaginária S_1 . Uma identificação rotular, pela falta de representante imaginário genuíno, por exemplo: anoréxico, bulímico, obeso mórbido, etc.

A escuta desse analisando mostrará, pelo giro- de- um- quarto- de -volta, a partir de sua fala , que o lugar do analista, A_{JA} é o de desvelamento desse gozo, numa versão de suplência



simbólica, S_2 , convocando o sujeito para que trabalhe nas iterações que depõem o objeto. Este então passa do lugar de agente (no inconsciente) ao lugar de produto. Neste lugar transformado por repetidas des-erotizações do objeto, pode ocupar o lugar da verdade no fechamento do inconsciente, no após ato analítico. Penso e não sou.

Do lugar do analista o sujeito pode ser convocado a deixar cair, a depor, esse objeto de alienação ao desejo do Outro, para revelar a impossibilidade de se deixar representar a partir do objeto que com onipotência age sobre o imaginário do sujeito, trabalhando apenas no que esse real toca o desejo do Outro.

Esse objeto do lugar do agente, ativa no imaginário um trabalho para produção de um gozo alienante, por exemplo: gozo do anoréxico.

Movimento de S_2 : no discurso M_{JA} , produção no inconsciente do gozo do Outro via agência dos objetos: voz, olhar, enfim quaisquer dos cinco (objeto@). Aqui há Outro do Outro. É da repetição de história contada pela família, dos imperativos ditados pelo Outro, do ruído na punção da articulação do fantasma, desvios para fantasmas materno e ou paterno, ou Outro. Na fala do analisando ocupa o lugar da verdade, H_{JA} , verdade barrada desse desejo invasivo do Outro, que o analista toma de seu lugar, A_{JA} , e de sua denúncia logra que o sujeito realize a perda de objeto, da potência inicial do objeto, gradativa e iterativamente. No pós ato analítico, esse S_2 , em U_{JA} , passa de Outro para outro.

Movimento do S_1 : No discurso do inconsciente, M_{JA} , ocupa o lugar do outro imaginário, de seus significantes mestre não discernidos; que produzem H_{JA} , um discurso delirante. A escuta do analista, A_{JA} , toma S_1 , no lugar da verdade e finalmente, vai ocupar o lugar do agente, que em U_{JA} , passa a poder interrogar o gozo do Outro, na produção do sujeito advertido (não todo!).

A ocupação ao longo do percurso do gozo-do-Outro, esta produção nessa estrutura do inconsciente, podemos pensar como psicotizado: produção da cadeia delirante. Esta cadeia é portadora da verdade na fala do analisante, verdade sem reconhecimento do sujeito. Cabe ao analista esse deciframento do lugar de agente. A consequência desse deciframento é a queda do objeto, ou pelo menos um grau de des-erotização. Esvaziado de sua potência, a verdade desse real do objeto, redireciona o sujeito para uma nova articulação significativa. Na fala “relatos” de experiência de alucinação visual, favorece o déjà-vu e o jamais-vu. A inversão na razão do outro corresponde ao trabalho do imaginário, um imaginário que invade através do olhar e da voz uma produção de discurso do outro, paranoia? Psicose?, Delírio de mandatos. (predomina a voz e ou o olhar do Outro), de ciúme, erotomania, interpretação?

XII.

Estado do inconsciente e algoritmo analítico :

imaginarização do real, Inibição que afeta o real.

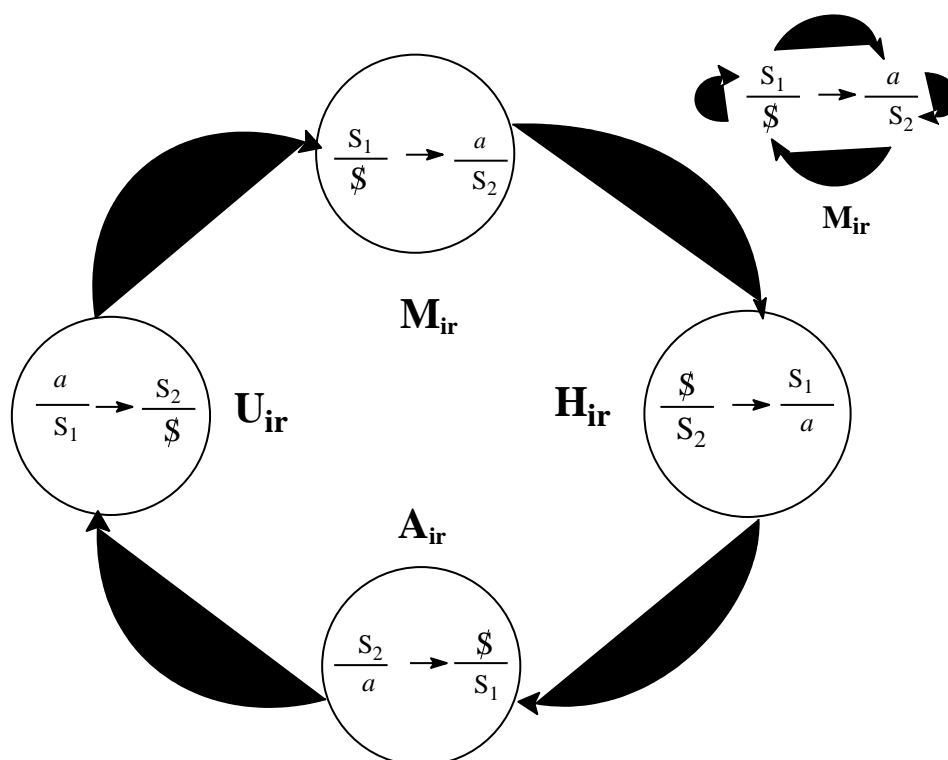


A inibição nomeia o mal funcionamento do real, seja pelo objeto voz ou olhar. Esse então é o discurso do inconsciente do psicótico e do perverso.

$$\frac{S_1}{\$} \xrightarrow{\quad} \frac{a}{S_2}$$

M_{ir}

Com relação ao discurso do mestre uma só operação, um movimento é necessário: o mais de gozar que ocupava o lugar da produção no estado histérico, manifesta-se agora na materialidade do objeto ao tomar o lugar do trabalho, e trabalha pela agência do imaginário para produção do gozo do Outro. Gozo este que afeta o sujeito seja pela alucinação visual ou verbal (silenciosa ou sonora), ou perversão. A ignorância da função, como agente do discurso, do imaginário, pela verdadeira preguiça do sujeito, funciona na produção do gozo do Outro pela tomada de lugar de seus objetos.



Movimento de S_1 : no discurso do inconsciente, M_{ir} , ocupa o lugar de agente, a colonização do S_1 implicará na severidade do trabalho na materialidade do objeto. É na fala do analisando, H_{ir} , que esse imaginário pode ser questionado, a priori pela estranheza, no relato dos objetos aí tomados na forma de produção delirante. No discurso do analista, A_{ir} , pelo trabalho do sujeito, o imaginário cai para o lugar do produto, revelando-se como verdade do sujeito no pós ato analítico no discurso.



Movimento de @:no discurso do inconsciente, M_{ir} , a materialidade deste objeto, contingentemente aparecendo no real, é o produto da fala do analisando, H_{ir} , quando relata o que viu, escutou, sentiu... Relata seu delírio, ou ideias delirantes, que, no discurso do analista, A_{ir} , passa a ocupar o lugar da verdade, para poder ser reconhecido em U_{ir} , como agente ilusório, representante do imaginário no passe de sentido.

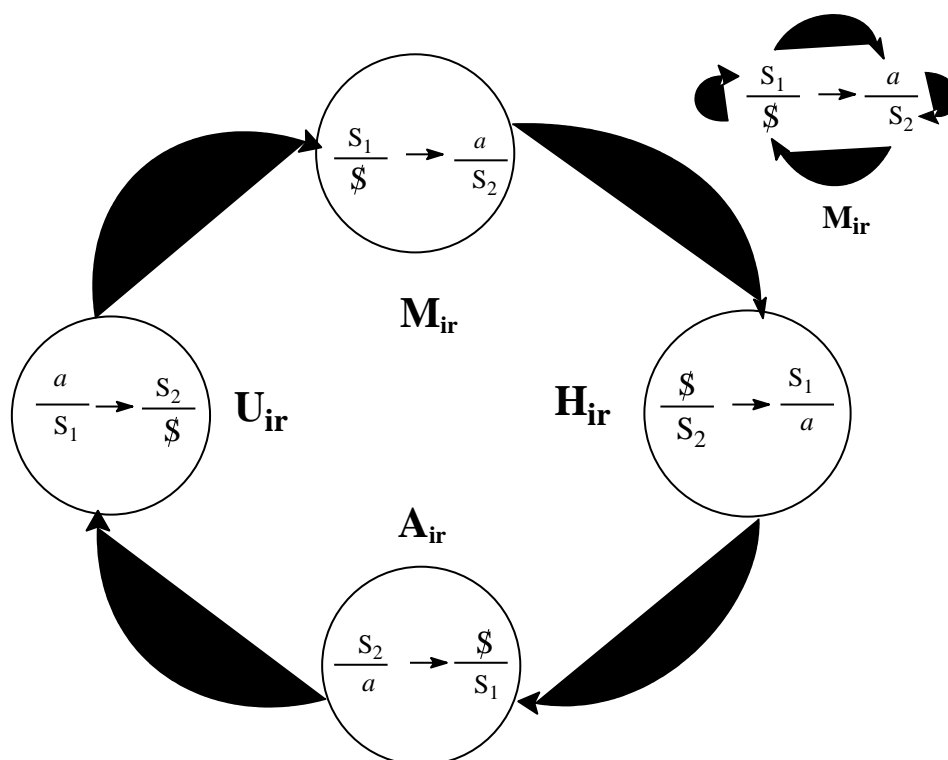
Movimento do S_2 :no discurso do inconsciente, M_{ir} , a céu aberto ou não, S_2 , figura no lugar do mais-de-gozar, produto da intromissão do objeto na dialética do significante, na fala do analisando, H_{ir} , passa para o lugar da verdade, barrada ao sujeito, verdade preguiçosa que no discurso do analista, A_{ir} , acorda para o lugar de agente, para ser reconhecida em U_{ir} , como verdade do outro, verdade ex-tima. A produção de sentido, da materialidade do objeto representante escolhido do imaginário, com o passe de sentido ao simbólico, produz no sujeito queda do delírio.

No caso da alucinação visual, no lugar do trabalho em H_{ir} , essa alucinação como significante do imaginário, que aparece no real, sem sentido, o analisando ao descrever a alucinação, pode estar experimentando, além do estranhamento e da demanda de sentido, uma grande angústia: fracasso na dialética significante.

Cabe ao analista pelo histórico do sujeito, em, A_{ir} , tomar o lugar de agente em suplência do simbólico, para advir o sentido, ou não sentido, do sentido que o imaginário deu a essa materialidade. Trata-se de suplementar pelo ato analítico um passe de sentido pelo trabalho do sujeito.

Na reestruturação do inconsciente, U_{ir} , ocupa o lugar de agente com o objeto @, representante desse imaginário, para que através de um passe de sentido, produza efeito na divisão subjetiva dessa alienação inconsciente, pós separação do ato analítico.



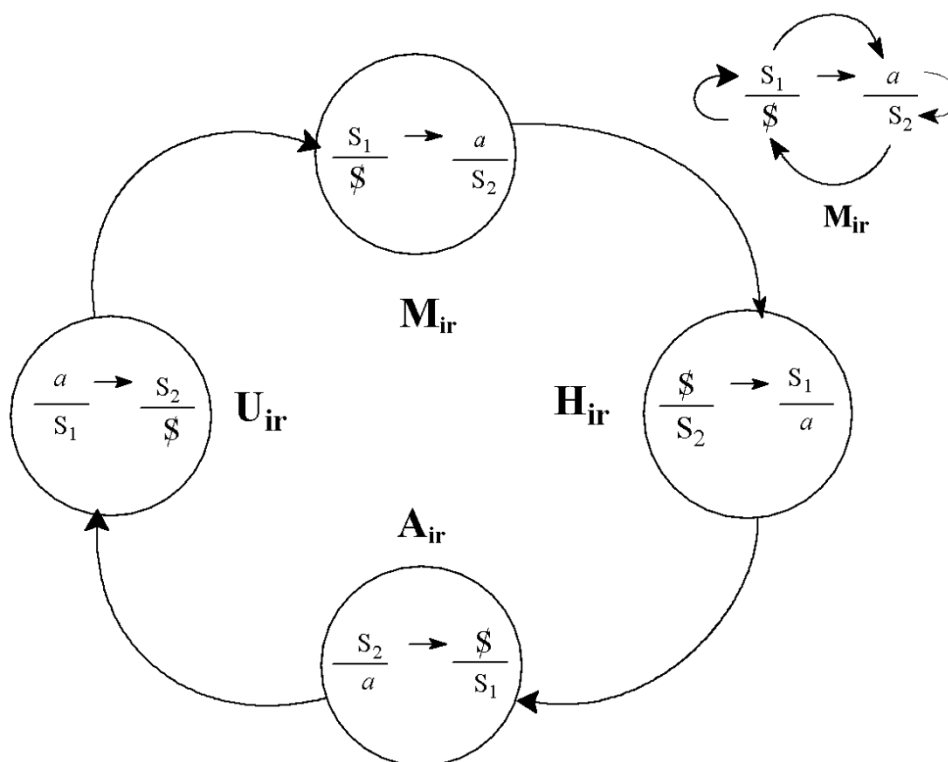


Note no algoritmo acima, em A_{ir} , que a busca do analista é então pelo significante mestre que essa alucinação responde no real. Esse significante na verdade que desvela o objeto escolhido na materialidade, faz signo entre agente e verdade, em U_{ir} , permite então o passe de sentido simbólico da alucinação. Como produto o sujeito está em nova divisão subjetiva. A verdade desse objeto alucinado estará revelada, o sentido do delírio contribui na sua interrupção.

Na perversão mesma estrutura da psicose onde o objeto é o outro, a serviço do gozo imperativamente exigido pelo imaginário. O Outro, o imaginário, os objetos de cada sujeito, tem conteúdos cuja divergência na humanização ou desumanização do sujeito, explicam diferentes quadros na mesma estrutura.

Vale enfatizar que o psiquismo é tão mais sintomático quando o objeto, o real, se interpõe na articulação significativa, dando a este papel que não lhe cabe: papel de substituição significativa.





XIII

Para finalizar

Sugiro uma representação imaginária, como me ocorreu, quanto ao algoritmo do processo analítico, para qualquer estado do inconsciente, e convido você a imaginar o mesmo:

- Imagina que você preparou 4 agulhas com linhas de 4 cores diferentes.
- Tome 4 pequenos suportes com 4 furos cada e localize os em um círculo da revolução, em uma longitude.
- passe então a agulha pelos lugares que o sujeito ocupa nos 4 discursos da referida revolução
- faça o mesmo para o lugar do outro, do trabalho, com outra cor.
- repita essa costura para o lugar do agente e para o lugar da produção, com as duas cores restantes.

Essa é a complexidade do jogo significativo, com o sujeito dividido, na escuta analítica para cada ato analítico bem-sucedido: um belo emaranhado!!!

Questão central: em que isso contribui para clínica?



- Os diferentes algoritmos analíticos decorrentes da formulação do inconsciente dinâmico, mostram nos matemas com clareza balizas do buscado ato analítico.
- É comunalidade aos diferentes estados o percurso do sujeito, \$. Durante um atendimento o analista pode questionar qual lugar o sujeito ocupa em determinado momento da sessão.
- A autorização de qualquer intervenção clínica depende da regressão da fala para o estado do inconsciente.
- É do estado do inconsciente dependendo da articulação entre agente e o outro, para que o produto possa ser reconhecido.
- O agente do estado do inconsciente é o alvo da produção, pelo trabalho do sujeito, no discurso do analista: sinônimo de ato analítico bem-sucedido.
- A função do analista está determinada pela verdade barrada na fala do analisando.
- Como verdade no discurso do analista o produto da fala do analisando na suplementação da falta. Na enunciação que falta aos enunciados.

Mantendo os algoritmos prontos para acompanhar o atendimento, uma vez escolhida uma revolução para aquele sujeito, naquele momento, a autorização para intervir fica mais bem fundamentada.

Regina Célia de Carvalho Pinto Moran

7 de janeiro de 2026

Referências Bibliográficas

- Harari ,R. *o que acontece na ato analítico?* Companhia de Freud, Rio de Janeiro, 2001
- Lacan, J. *Seminário 17, O Averso da Psicanálise (1969-1970)*. Pg. 43 Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- Melman, C. (1987-1988 e 1988-1989). A Neurose Obsessiva no Divã de Lacan, Um Estudo Psicanalítico. Imago (2011), Rio de Janeiro.
- Schejtman, F. *Ensayos de Clínica Psicoanalítica Nodal (2013)* 1ªed.1ªreimp. Olivos: Grama Ediciones, 2015.
- Souza, Aurélio. *Os discursos na psicanálise*, Companhia de Freud, rio de Janeiro (2003). Pg. 150.



